

TRANSFORMAÇÃO E ACEITAÇÃO: A JORNADA INTERIOR NA TERCEIRA CAMINHADA DE ROUSSEAU¹

TRANSFORMATION AND ACCEPTANCE: THE INNER JOURNEY IN ROUSSEAU'S THIRD WALK

CACILDA BONFIM E SILVA

Doutora em Literatura e Práticas Sociais, UnB

Cacilda.bonfim@ifma.edu.br

RESUMO

Nos últimos anos de sua vida, Rousseau dedicou-se a redigir meditações que seriam reunidas, após sua morte, na obra *Os Devaneios do Caminhante Solitário*. Nesses textos, surgidos em meio ao distanciamento social e à necessidade de encontrar um refúgio interior, o filósofo realiza uma reflexão sobre sua existência, suas transformações e suas relações com o tempo e a natureza. A Terceira Caminhada ocupa lugar central nesse percurso ao examinar as mudanças físicas e morais percebidas a partir dos quarenta anos, destacando a consciência do envelhecimento e a necessidade de reconexão consigo mesmo. No desenvolvimento dessas meditações, observa-se como a experiência da transformação e da passagem do tempo conduz à valorização da consciência da própria existência. A solidão, longe de ser apenas um afastamento dos outros, torna-se um espaço de autoconhecimento e de resistência interior, especialmente diante da hostilidade, das calúnias e do isolamento a que o filósofo foi submetido nos últimos anos de sua vida. Nesse fragmento, o genebrino enfrenta as limitações impostas pela vida, ao mesmo tempo em que busca, na memória e na percepção da natureza, meios de reafirmar a si mesmo. Assim, a Terceira Caminhada se insere na obra como um marco da maturidade espiritual de Rousseau, representando um momento de ruptura com a hostilidade social que enfrentou e de reconstrução do eu a partir da própria experiência sensível. A linguagem imagética, os ritmos da prosa e a fusão entre natureza e subjetividade que atravessam esse fragmento fazem dele uma antecipação de temas que se tornariam centrais no Romantismo e nas reflexões existenciais que ganhariam força a partir do século XIX, tornando visível, também, sua atualidade na sociedade contemporânea, marcada pela fragmentação das relações humanas, pela aceleração do tempo e pela necessidade de valorização da experiência interior, da memória e da transformação, fundamentais para a preservação do sentido da existência humana.

Palavras-chave: Rousseau. Terceira Caminhada. Transformação. Autoconhecimento.

ABSTRACT

In the final years of his life, Rousseau dedicated himself to writing meditations that would be compiled, posthumously, in the work *Reveries of the Solitary Walker* (*Les Rêveries du Promeneur Solitaire*). In these texts, emerging amid social distancing and the need to find an internal refuge, the philosopher reflects on his existence, his transformations, and his relationship with time and nature. The *Third Walk* occupies a central place in this journey by examining the physical and moral changes perceived after the age of forty, highlighting the consciousness of aging and the need for reconnection with the self. In the development of these meditations, one observes how the experience of transformation and the passing of time leads to the valuing of the consciousness of one's own existence. Solitude, far from being merely a withdrawal from others, becomes a space for self-knowledge and inner resilience, especially in the face of the hostility, calumnies, and isolation to which the philosopher was subjected in his final years. In this fragment, the Genevan confronts the limitations imposed by life while simultaneously seeking, in memory and the perception of nature, means of reaffirming himself. Thus, the *Third Walk* is inserted into the work as a landmark of Rousseau's spiritual maturity, representing a moment of break with the social hostility he faced and a

¹ Recebido em 17/09/2025. Aprovado em 21/10/2025.



reconstruction of the self based on his own sensitive experience. The imagery language, the rhythms of the prose, and the fusion between nature and subjectivity that permeate this fragment make it an anticipation of themes that would become central in Romanticism and in existential reflections that gained strength from the 19th century onward. This also highlights its relevance in contemporary society, marked by the fragmentation of human relationships, the acceleration of time, and the need to value inner experience, memory, and transformation—all fundamental for preserving the meaning of human existence.

Keywords: Rousseau. Third Walk. Transformation. Self-Knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Escrita provavelmente entre janeiro e março de 1777, quando Jean-Jacques Rousseau tinha 64 anos, a Terceira Caminhada, integrante da obra póstuma *Devaneios do Caminhante Solitário*, expõe a consciência melancólica da passagem do tempo, marcada pelo declínio das forças e pela intensificação de afetos e pensamentos solitários. Mais do que um exercício de memória, o texto representa um movimento de depuração interior, no qual a fidelidade a si mesmo assume centralidade filosófica.

Não custa lembrar, como o próprio Rousseau esclarece na Primeira Caminhada, que essa nova empreitada na escrita de si é uma retomada do exame sincero iniciado nas *Confissões*, cuja leitura parcial ele realizou publicamente em 1759, e que se distingue pela diferença crucial de intenção. Rousseau já não deseja convencer ninguém de sua inocência, pois a reconhece como uma certeza íntima. O que agora empreende é um diálogo consigo mesmo, uma espécie de prestação de contas interior, um esforço para revisitar suas disposições passadas e nelas reconhecer o que poderia ser revisto. Como afirma: “Escrevo meus devaneios somente para mim (...) sua leitura me recordará a doçura que experimento ao escrevê-los e, fazendo renascer para mim o tempo passado, duplicará, por assim dizer, minha existência” (Rousseau, 2022, p. 37).

Conforme observa Prado Jr. (2008, p. 98-99), “a escrita aparece então como o viés que poderia permitir reconquistar esse paraíso: escrever é renunciar à comunicação imediata, mas escrever também é preparar a volta ao imediato”. Tal perspectiva ilumina a posição de Rousseau, que, embora declare escrever apenas para si, preserva em seu gesto o traço de permanência e de reencontro. A construção de uma argumentação lógica, ao fustigar sua alma tão sensível, parece exigir-lhe persuadir a si mesmo com ainda mais veemência do que empregaria para convencer qualquer outro.

Assim, a Terceira Caminhada configura-se como um momento de depuração na trajetória de Rousseau, no qual a fidelidade a si mesmo se consolida como núcleo de sua

filosofia. O diálogo interior que conduz o fragmento, aliado à contemplação da natureza e à memória, revela uma forma de resistência silenciosa diante da hostilidade e das perdas. Ao transformar a experiência pessoal em reflexão que toca a condição humana, Rousseau oferece um testemunho cuja força ultrapassa seu tempo, abrindo caminho para uma análise que, nas páginas seguintes, examina a escrita de si, a experiência da perda e a filosofia da aceitação presentes nessa meditação.

2. PERDAS E INDAGAÇÕES

Mas a quem Rousseau lança tal pergunta? A seus contemporâneos, a si mesmo ou a nós? Sua voz ecoa pelos séculos e ultrapassa o limite de um discurso meramente privado e subjetivo, pois, mesmo em sua mais íntima solidão, articula sentimentos e inquietações que dizem respeito à condição humana em geral: a dor de sentir-se traído, a nostalgia do que se perdeu e a busca de sentido diante da finitude. Embora marcada pela escuta de si, sua escrita acaba por se abrir ao outro, pois refletir sobre si mesmo contém, ainda que de modo implícito, um convite à reflexão do leitor, mesmo que essa não fosse sua intenção declarada.

O leitor do futuro, tão presente nas *Confissões*, talvez já não fosse, naquele momento, uma expectativa tão pungente, e o caminhante volta-se mais uma vez para si, como se o esforço argumentativo o impelisse, antes de tudo, a reforçar sua própria convicção.

Starobinski (1991, p. 284) descreve com precisão essa relação entre o eu presente e o eu futuro:

O deslocamento do tempo permite uma pseudo-relação de exterioridade entre vários momentos do eu; a página escrita hoje está destinada por antecedência a um eu futuro que buscará o seu vestígio. O que é hoje presença de si para si, plenitude do sentimento, deve procurar forma na linguagem e fixar-se para o futuro como um horizonte de memória antecipado.

É nesse horizonte que a escrita de Rousseau se move: uma memória em trânsito, na qual a dor de hoje se converte em legado sensível e ético para amanhã, ainda que, em sua intenção explícita, apenas para si mesmo.

Rousseau repassa, em memórias e palavras, a indignação de saber-se enganado. As “luzes” dessa certeza não trazem progresso nem libertação; são, antes, o clarão que expõe o estrago sofrido. A reciprocidade da confiança entre amigos foi quebrada e, diante disso, não há consolo possível. A verdade cobra um preço alto demais. O conhecimento que alcançou sobre os homens apenas aprofundou o abismo de sua dor. Como ele próprio escreve:

Eu era o enganado e a vítima (...), mas acreditava ser amado por eles, e meu coração desfrutava da amizade que inspiravam, dedicando-lhes o mesmo. Essas doces ilusões foram destruídas. A triste verdade que o tempo e a razão desvelaram, ao me dar a sentir minha desgraça, mostrou-me que não havia remédio e que só restava resignar-me. Por isso, as experiências da minha idade não têm no meu estado nenhuma utilidade presente ou proveito futuro (Rousseau, 2022, p. 54).

A amarga ironia é que, quanto mais compreendeu, mais infeliz se tornou. Paradoxalmente, a ignorância lhe proporcionava felicidade. Ser enganado, mas acreditar ser amado, era um conforto que a verdade não pôde oferecer. A doçura da ilusão funcionava como um abrigo mais gentil do que a rigidez implacável da realidade.

3. A ESCRITA DE SI E O PACTO AUTOBIOGRÁFICO

Ao refletir sobre a perda e a desilusão, Rousseau não se limita ao registro de relações rompidas. Suas anotações íntimas sugerem que o vazio não se restringe à ausência do outro, mas alcança também seu modo de estar no mundo. Desfaz-se, com a quebra da confiança, a possibilidade de ignorar sem culpa, de confiar sem reservas, de amar sem vigilância. Ao nos debruçarmos sobre esses textos, cabe então questionar se seríamos apenas espectadores de um drama reservado, sem relevância maior, ou se estaríamos diante de reflexões capazes de ultrapassar a esfera pessoal e alcançar uma dimensão mais ampla.

Essa questão conduz ao conceito de pacto autobiográfico, conforme proposto por Lejeune, que supõe um vínculo de verdade entre narrador e leitor. Tal pacto implica a intenção declarada, ou ao menos implícita, de comunicação, já que toda escrita de si pressupõe um destinatário, ainda que este seja o próprio sujeito que escreve (Lejeune, 2014, p. 96).

No caso de Rousseau, esse pacto se estabelece não apenas pela coincidência entre autor, narrador e protagonista, mas também pela intenção deliberada de conferir autenticidade às experiências narradas, ainda que permeadas por hesitações e contradições. A transparência que ele reivindica não elimina a mediação da escrita, pois cada escolha lexical e cada silêncio carrega uma intenção própria. Dessa forma, o pacto autobiográfico em Rousseau ultrapassa o compromisso formal de veracidade, configurando-se como um espaço de tensão entre memória, percepção e juízo, no qual o eu que escreve e o eu que vive se confrontam e se interpelam continuamente.

Sem dúvida, essa tensão entre o eu que escreve e o eu que vive revela a complexidade da dimensão autobiográfica em Rousseau. Ao mesmo tempo em que busca narrar a verdade de si, ele reconhece que toda lembrança é filtrada pela consciência presente, sujeita às reconstruções e às escolhas próprias do ato de escrever. A autenticidade, nesse sentido, não reside na ilusão de uma transparência absoluta, mas na capacidade de assumir as marcas dessa mediação, transformando-as em parte integrante do relato. É nesse jogo entre a vivência e sua refiguração que se delineia a força de sua escrita, capaz de unir a dimensão pessoal à reflexão sobre a condição humana.

Essa articulação entre experiência individual e pensamento universal aproxima a escrita de Rousseau de uma meditação que, embora ancorada no vivido, busca ultrapassar o mero testemunho. Ao registrar as perdas, as decepções e os deslocamentos interiores, ele não se limita a contar o que aconteceu, mas a explorar os sentidos que esses acontecimentos assumem na construção de si. Tal movimento confere às suas páginas um caráter reflexivo que convida o leitor a rever também a própria trajetória, abrindo espaço para uma interlocução silenciosa e, ao mesmo tempo, profundamente partilhada.

Por isso, é preciso ler esses escritos com atenção às suas contradições e incompletudes, resistindo tanto à crença ingênua quanto à rejeição cínica. A questão da veracidade, nesse tipo de escrita, não está na exatidão dos fatos narrados, mas na autenticidade dos afetos e emoções. O que “realmente” aconteceu permanecerá sempre oculto, pois nenhum documento escapa à mediação de quem escreve, sendo a verdade incontestemente uma abstração inalcançável. Tal impossibilidade não é marginal, mas constitui o próprio núcleo da tensão que atravessa a leitura desses textos.

Ainda tendemos a oscilar entre ver o texto como retrato fiel do autor ou como invenção ficcional de um personagem. Esse impasse reflete uma concepção dualista entre essência e aparência que limita nossa compreensão. É preciso superar esse jogo e admitir que Rousseau não é uma essência anterior ao texto, nem um produto posterior a ele, mas vai se tornando cada vez mais ele mesmo à medida que constrói seu próprio discurso.

4. O OUTRO E A CONSTRUÇÃO DE SI

Superar a oposição entre essência e aparência, presente no modo como muitas vezes se lê Rousseau, exige deslocar o foco para a relação que ele estabelece com o outro. A escrita autobiográfica, longe de ser apenas um espelho voltado para dentro, revela-se permeada por olhares externos, reais ou imaginados, que participam da construção de si. Ao analisar essa dinâmica, Hannah Arendt identifica em Rousseau um “teórico da intimidade” e vê na sua *rebelião do coração* uma ruptura com a sociedade de sua época, entendida como força niveladora que invade o espaço mais recôndito do ser humano. Para ela, é nesse gesto de resistência que se configura um traço fundamental do indivíduo moderno, marcado por uma tensão insolúvel entre o desejo de pertencer e a necessidade de preservar a própria singularidade.²

² Sobre a interpretação arendtiana da “rebelião do coração” como marco inaugural do indivíduo moderno, ver também: BONFIM, Cacilda; FAÇANHA, Luciano. *A rebelião do coração: autenticidade como transparência nas autobiografias de Rousseau a partir de Hannah Arendt*. *Aletria*, v. 35, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/53335>

O indivíduo moderno e seus intermináveis conflitos, sua incapacidade tanto de sentir-se à vontade na sociedade quanto de viver completamente fora dela, seus estados de espírito em constante mutação e o radical subjetivismo de sua vida emocional nasceram dessa rebelião do coração [de Rousseau] (Arendt, 2014, p. 47-48).

Sob essa perspectiva, a escrita autobiográfica do genebrino deixa de ser apenas um exercício de interioridade e passa a ser lida como um espaço de exposição e de constituição de si, no qual a autonomia buscada convive com a necessidade inevitável de reconhecimento. Tal coexistência, longe de significar aceitação plena do olhar alheio, reafirma a escrita como recurso para ordenar o próprio pensamento e sustentar um modo de vida mais lúcido.

Assim, Rousseau escreve para organizar as próprias ideias, viver com clareza e preparar-se para morrer com serenidade. Essa ordenação não se limita a um exercício estético ou literário, mas constitui um trabalho de exame constante, de retorno às disposições interiores, de revisão das paixões e de apaziguamento dos afetos. Ao reler sua vida, busca reconhecer o que permaneceu fiel às suas convicções e o que poderia ter sido corrigido, numa tentativa de harmonizar a lembrança do passado com a consciência presente. Seu coração é, nesse sentido, como evidencia Arendt, a metáfora do eu mais íntimo, expressão simbólica da autenticidade com que busca se compreender e se afirmar.

Logo, na derrocada de suas afeições, esvai-se também um modo de sentir mais leve, ingênuo e confiante. Tudo o que aprendeu lhe é inútil no presente e não serve para o porvir, pois o tempo da descoberta foi também o tempo da frustração.

Reconhecendo que a verdade lhe chegou tardiamente, Rousseau se volta para outro abismo: a consciência da finitude. O tempo, antes apenas mensurado, agora pesa. O que fazer da experiência quando o corpo já não responde e o porvir se encurta? Passa a preocupar-se com o que realmente valeria a pena carregar consigo até o fim do percurso, para além da própria morte.

Cansado de buscar entre os outros uma felicidade que intuía ser inalcançável, Rousseau passa a delinear um ideal de repouso, uma vida silenciosa voltada à reflexão e à compreensão de si. Ao contrário de muitos filósofos que abordam o mundo como se desmontassem uma máquina, seu interesse pelo conhecimento não se guiava pela vaidade intelectual, mas por um saber que lhe fosse útil para viver. O cerne de sua filosofia não se encontrava na construção de sistemas, mas no esforço contínuo de encontrar um núcleo de serenidade em meio à conturbação do mundo.

Desse processo emerge também sua religiosidade, na qual a fé se apresenta mais sensível que doutrinação, formada por afeto, hábito e contemplação. A natureza, o silêncio e a

ordem das coisas o conduziam à busca de sentido, ao questionamento da existência e à intuição de uma presença criadora.

Entretanto, no convívio social, tudo lhe parece dissonante. Nada o encanta. Mesmo os sucessos e os lampejos de prosperidade não alcançam aquilo que nele constituía o desejo mais profundo e, talvez, indizível. A nostalgia da vida no campo o acompanha como uma sombra, tornando até os prazeres legítimos destituídos de substância.

Aos quarenta anos (1752), Rousseau decide não mais lutar. Renuncia à alta sociedade, às vestes ornamentadas e aos títulos. Já não suportava os julgamentos insensatos dos homens, o vazio das glórias literárias e o ruído da vida social. A fama, mal o tendo tocado, já lhe causava aversão. Retorna à atividade de copista de música, reencontrando nessa ocupação modesta uma forma peculiar de paz.

Cheguei aos 40 anos flutuando entre a indigência e a fortuna, entre a sabedoria e o erro, cheio de vícios induzidos pelo hábito, sem nenhuma má inclinação no coração, vivendo ao acaso sem princípios bem definidos (...). Desde minha juventude, eu fixara a idade de 40 anos como o termo de meus esforços para triunfar e de minhas pretensões de todo tipo (...). Ao me libertar de todas essas armadilhas, de todas estas vãs esperanças, entreguei-me por completo à incúria e ao repouso do espírito que sempre foram meu interesse mais dominante e minha inclinação mais duradoura. (Rousseau, 2022, p. 57–58).

Aqui se delineia a virada decisiva: transformação e aceitação, recusa do jogo social, recolhimento interior e valorização do essencial. Renúncia e resignação passam a definir sua postura. Firma-se, então, o gosto pela solidão, não como expressão de amargor, mas como estado fecundo, marcado pela calma, pelo recolhimento e pelas longas meditações. Nesse abrigo íntimo, encontra uma espécie de justificativa diante de si mesmo, um consolo que, ainda assim, deixa transparecer uma mágoa latente.

De um fundo obscuro, feito de angústia e de agressividade infeliz, o devaneio produz e desenvolve simultaneamente a cadeia de raciocínios, das imagens e dos sentimentos, mas para esgotar e anular todos os raciocínios, todas as imagens, todos os sentimentos, com exceção de um só: o sentimento de uma presença inalterável e límpida. (Starobinski, 1991, p. 373).

É essa presença depurada que Rousseau parece buscar, não mais dependente do mundo ou da aprovação alheia, mas sustentada unicamente na escuta de si mesmo. Uma última verdade, talvez a única ainda possível, é a de si consigo próprio. Os homens, ao excluí-lo e isolá-lo, fizeram por ele o que ele próprio talvez não tivesse coragem de fazer com tanta firmeza, conceder-lhe o espaço exato onde sua filosofia poderia amadurecer.

5. ESCUTA E MOVIMENTO

Importa ressaltar que essa escuta de si não se dá no silêncio imóvel da clausura. O ato de caminhar, constante nos *Devaneios*, torna-se, em Rousseau, não apenas deslocamento

físico, mas exercício meditativo e dilatação do ser. Ao afastar-se do convívio social, ele não se encerra em si mesmo, mas amplia o acesso às suas memórias e à imaginação.

Como é amplamente sabido, as caminhadas ocupam lugar central na trajetória de Rousseau, a ponto de se tornarem decisivas em momentos cruciais. Foi durante uma delas, no trajeto ao Castelo de Vincennes para visitar Diderot, que viveu a revelação que o levaria à redação de seu primeiro *Discurso*. Nesse sentido, esse hábito adquire, em sua vida e pensamento, um valor propriamente filosófico, convertendo-se em meio de distanciamento, forma de escuta e espaço de transformação interior.

Se o devaneio se desenvolve aqui no estreitamento espacial, se o eu se subtrai ao mundo, ele se outorga, em compensação, um livre poder de expansão temporal. Reata com seu passado, antecipa seu futuro. [...] A partir desse momento, um novo espaço poderá expandir-se: um espaço temporalizado, centrado pelo eu, animado e povoado pela expansão do sentimento. Esse é o espaço do passeio. (Starobinski, 1991, p. 370).

Caminhar representa, portanto, mais do que o simples ato de movimentar o corpo, pois configura-se como modo de dar forma à experiência interior, libertando o tempo da angústia da cronologia e convertendo-o em afeto, pensamento e presença.

Dessa forma, reafirma para nós e, sobretudo, para si mesmo a sua singular diferença. Os filósofos modernos eram, para ele, missionários do ateísmo, mais dogmáticos do que aqueles que combatiam, exigindo de todos uma adesão absoluta às suas doutrinas.

Vivia com filósofos modernos que pouco se pareciam com os antigos: em vez de remover minhas dúvidas e fixar minhas irresoluções, haviam abalado todas as certezas (...); pois, como eram ardentes missionários do ateísmo e dogmáticos imperiosos, resistiam com fúria contra aquele que ousasse pensar de maneira diferente deles sobre qualquer tema que fosse (Rousseau, 2022, p. 59-60).

Rousseau, contudo, não cede. Sua resistência é firme e o afasta de qualquer submissão a doutrinas alheias. Busca uma filosofia própria, interior, capaz de orientá-lo a viver com clareza e a preparar-se para morrer com serenidade. Assume, então, a árdua tarefa de explicitar, com rigor e honestidade, os princípios e sentimentos que orientam sua vida, buscando fazê-lo com a maior profundidade intelectual e sensibilidade moral possíveis.

Reconhece que talvez seus afetos tenham inclinado a balança e que a esperança possa ter influenciado suas escolhas, mas reafirma sua boa-fé. O que teme, acima de tudo, é o autoengano.

Vi muitos que filosofavam de maneira bem mais douda que eu, mas sua filosofia era, por assim dizer, estranha a eles mesmos (...); trabalhavam para instruir os outros, mas não para se esclarecerem interiormente. Muitos dentre eles apenas queriam escrever um livro, não importava qual, contanto que fosse acolhido” (Rousseau, 2022, p. 55).

Rousseau recusa o mero ornamento da erudição, orientando-se para o exame intransigente de si. Sua filosofia germina de uma exigência vital, e não de um desejo de distinção ou reconhecimento.

Por isso, ainda que não alcance respostas definitivas, opta por aquilo que lhe parece mais digno de confiança. É nesse processo que chega às concepções posteriormente expostas na *Profissão de fé do Vigário Saboiano*, a qual, segundo suas próprias palavras, foi “indignamente desonrada e profanada”, mas que, se restituída ao seu sentido original, poderia desencadear uma verdadeira revolução no espírito humano.

A filosofia configura-se, portanto, como uma ética da busca, não orientada por respostas absolutas, mas pela honestidade intelectual de quem não se furta ao exercício de pensar, ainda que tal movimento não assegure qualquer forma de descanso.

Ao confrontar seus princípios com a violência do mundo, reconhece ter atribuído importância excessiva à opinião alheia. A convicção em uma compensação futura torna-se, assim, o único amparo possível diante da injustiça.

Já envelhecido e fragilizado pelos desgostos e pela opressão silenciosa da idade, Rousseau interroga-se sobre a razão de abandonar, neste ponto da vida, os recursos interiores que cultivou com tanto zelo. Pergunta-se se sua razão, agora em declínio, estaria mais apta a decidir do que aquela que, em plena lucidez, escolheu seus princípios com cuidado, coragem e assentimento do coração.

Rememora as dificuldades enfrentadas ao estabelecer tais escolhas e conclui que, se elas não o detiveram, não haveria motivo para recuar agora. As objeções não resolvidas permanecem, para ele, meros sofismas, incapazes de abalar verdades fundamentais que atravessaram os séculos e permanecem gravadas no coração humano.

As doutrinas daqueles que o perseguem reduzem-se, para ele, a uma moral desprovida de substância, ora marcada pela teatralidade e vaidade, ora pela crueldade e dissimulação. Rejeita-as por completo. Considera sua inocência como seu verdadeiro trunfo, único sustentáculo que lhe resta.

Quando o abatimento retorna e se percebe sem forças para raciocinar, recorre às decisões anteriormente tomadas e reencontra, assim, o fôlego da autoconfiança. As novas ideias que surgem apenas para perturbá-lo são por ele recusadas, considerando-as como falsos brilhos, destituídos de valor real.

Não se instrui, como Sólon, a cada dia. Ainda assim, pode cultivar virtudes que a alma levará consigo ao desprender-se do corpo, como paciência, doçura, resignação, integridade e

justiça. Este é o único estudo ao qual consagra o restante da vida. Não aspira a deixar o mundo mais sábio, pois tal objetivo não lhe parece mais possível; deseja, antes, sair dele mais virtuoso do que quando nele entrou. Quando o mal atinge seu auge, o tempo se esgota. Nesse momento, “liberto da inquietude da esperança”, Rousseau conhece a “calma plena”. Sem poder lançar-se em busca de um “tempo melhor”, resta-lhe apenas o presente, que participa, desde já, da eternidade.

Rousseau designa o mal que seus inimigos lhe infligiram, e que não pode mais aumentar. [...] Mais nada ocorrerá; o tempo está estabilizado no presente da resignação infinita e da posse de si” (Starobinski, 1991, p. 249).

Ao contrário do que o título deste artigo — *Transformação e aceitação: a jornada interior na terceira caminhada de Rousseau* — poderia inicialmente sugerir, Rousseau não passou, nos últimos anos de sua vida, por uma conversão ou mudança radical de pensamento. Não houve negação de seu percurso anterior nem adoção de novos princípios. O que se observa, na *Terceira Caminhada*, é uma sedimentação do que sempre esteve em sua sensibilidade, uma fidelidade cada vez mais apurada à própria consciência.

A chamada “transformação” não se configura como ruptura, mas como depuração, um refinamento progressivo das convicções que, desde sempre, o animaram. Quando há mudança, esta não reside no abandono de princípios, mas na maneira de assumi-los com maior desapego e serenidade. Nesse sentido, a aceitação adquire profundidade, entendida como atitude consciente de permanecer fiel ao que nele pulsa com autenticidade e não como resignação passiva. O título, portanto, longe de anunciar um volteio dramático, propõe uma chave de leitura, evoca o movimento interior de alguém que, ao depurar suas certezas, aprende a acolhê-las plenamente. Sua transformação é, no limite, a irrestrita aceitação de si mesmo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta reflexão sobre a *Terceira Caminhada*, o que se evidencia é uma coerência rara. Rousseau mantém-se fiel a um núcleo interior que atravessa toda a sua obra e vida. Essa constância, afirmada a despeito da solidão e das dúvidas, configura-se, em meu entendimento, como um ato filosófico. Ele não resiste pela força, mas pela persistência de um pensamento que retorna sempre ao mesmo ponto, a confiança em si mesmo como única salvaguarda diante da desordem do mundo. Sua filosofia da interioridade é também uma ética da persistência silenciosa, fundada menos na ânsia por certezas e mais na coragem de sustentar o que, um dia, foi pensado com clareza e assinado com o próprio coração.

Esse movimento de introspecção radical, que renuncia às dissonâncias sociais e busca no íntimo a fonte da verdade, encontra ressonância nas sensibilidades românticas que logo

surgiriam. Rousseau antecipa, e em certo sentido funda, o impulso romântico de fazer do eu, da memória, do sentimento e da natureza os elementos centrais da experiência humana. Sua escrita, dolorida, solitária e insistente, inaugura um modo de filosofar baseado na escuta de si como forma legítima de conhecimento.

A busca por um centro de integridade pessoal em meio à instabilidade social, inquietação que move os *Devaneios*, torna sua escrita íntima ainda mais significativa hoje do que talvez tenha sido em seu tempo. Em um mundo progressivamente dissolvido pelas tecnologias de simulação, saturado de imagens e versões que se anulam, esgarçando a distinção entre o falso e o veraz, a voz meditativa de Rousseau ressurge como um sinal de lucidez. Quando até a realidade mais óbvia se turva, sua recusa em renunciar às próprias convicções lembra-nos que pensar, em certos contextos, é também uma forma de agir. A integridade interior, como ele nos mostra, pode ser mais do que oposição e recusa, constituindo-se em preservação daquilo que ainda nos define como humanos.

A cada queda, reafirmou-se. A cada perda, recolheu-se para dentro de si, onde encontrou, ainda que entre sombras, um centro de integridade. O Rousseau do fim da vida é o mesmo que se insurgiu contra os falsos brilhos da civilização, agora com a serenidade de quem já não precisa provar nada a ninguém, apenas a si mesmo. Sua jornada interior, feita de dor, contemplação e permanência, prepara as sensibilidades do Romantismo, com sua exaltação do eu, da natureza e do sentimento como vias de acesso à verdade. Rousseau não apenas antecipa o Romantismo, ele o funda com sua alma dilacerada, sua escrita sofrida e seu anseio de autenticidade.

Se hoje nos aproximamos desses *Devaneios*, em um tempo em que a exterioridade nos esmaga e as tecnologias confundem até a percepção do real, é porque ainda buscamos o mesmo que ele, algum traço de verdade em meio à vertigem. Num mundo que nos dispersa, sua voz nos lembra que resistir é, às vezes, simplesmente permanecer fiel àquilo que em nós ainda pulsa, mesmo quando tudo parece calar.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- BONFIM, Cacilda; FAÇANHA, Luciano. A rebelião do coração: autenticidade como transparência nas autobiografias de Rousseau a partir de Hannah Arendt. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 35, n. 1, p. 127-143, 2025. DOI: 10.35699/2317-2096.2025.53335. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/53335>. Acesso em: 11 ago. 2025.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. 2. ed. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PRADO JR., Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Devaneios do caminhante solitário**. Tradução de J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Tradução de Maria Lúcia Machado. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.